

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**



Atena
Editora
Ano 2019

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 5 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-555-6

DOI 10.22533/at.ed.556192008

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE-BA	
Wanderson Amorim dos Santos	
Arlene Andrade Malta	
Evonete Santos do Espírito Santo	
Jailson de Jesus Santos	
Arlei Evangelista Santos	
Maria da Conceição Pinheiro de Santana	
Rafael da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5561920081	
CAPÍTULO 2	10
À EDUCAÇÃO FAMILIAR E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL	
Lucas Batista Carriconde	
Nathalia Rafaela Paes e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5561920082	
CAPÍTULO 3	23
O MODELO DE EDUCAÇÃO FEMININA DO FILOSOFO LUÍS ANTÓNIO VERNEY NO SÉCULO XVIII	
Dyeinne Cristina Tomé	
DOI 10.22533/at.ed.5561920083	
CAPÍTULO 4	35
MÉTODO BAMBU NO ENSINO SUPERIOR: DESENVOLVENDO POTENCIALIDADES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros	
Leidiane Francis de Araújo Costa	
Débora Morgana Soares Oliveira do Ó	
Reginaldo Luís da Rocha Júnior	
Suelayni de Azevedo Albuquerque	
Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros	
Soraia Lins de Arruda Costa	
Laís Helena de Souza Soares Lima	
Laryssa Grazielle Feitosa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.5561920084	
CAPÍTULO 5	45
METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: GESTÃO DE PROJETOS EM GERONTOLOGIA	
Maria Luisa Trindade Bestetti	
Tássia Monique Chiarelli	
DOI 10.22533/at.ed.5561920085	

CAPÍTULO 6	57
MODELAGEM DE FILTRO DE MICROFITA COM GEOMETRIAS DIVERSAS E DEFORMAÇÕES NO PLANO TERRA COM O PROGRAMA DE SIMULAÇÕES DE ONDA COMPLETA	
<p>Ana Paula Bezerra dos Santos Pedro Carlos de Assis Júnior Elder Eldervitch Carneiro de Oliveira Rodrigo César Fonseca da Silva Marcelo da Silva Vieira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920086	
CAPÍTULO 7	66
O CONCEITO DE IDENTIDADE DOCENTE NAS PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<p>Edlauva Oliveira dos Santos Leila Márcia Ghedin Evandro Ghedin</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920087	
CAPÍTULO 8	78
O USO DO MULTIPLANO COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE POLÍGONOS A ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS	
<p>Ana Kely de Albuquerque Sousa e Souza Abigail Fregni Lins Patrícia Sandalo Pereira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920088	
CAPÍTULO 9	87
O USO DOS JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO SIMBÓLICA COM UM GRUPO DE PROFESSORAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA	
<p>Simone Lisniowski Sandra Francesca Conte de Almeida</p>	
DOI 10.22533/at.ed.5561920089	
CAPÍTULO 10	98
OS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE E A CIDADANIA PLANETÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO	
<p>José Auricélio Bernardo Cândido Geanne Maria Costa Torres Inês Dolores Teles Figueiredo Maria Rosilene Cândido Moreira Slayton Frota Sá Nogueira Neves Francisco José Maia Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200810	
CAPÍTULO 11	109
OS IMPACTOS DA IMPLEMENTAÇÃO DE BUSINESS INTELLIGENCE NA GESTÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO LOYOLA, EM BELO HORIZONTE (MG)	
<p>Guilherme Rodrigues Pereira Frederico César Mafra Pereira Jorge Tadeu Ramos Neves</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200811	

CAPÍTULO 12	125
A CONTRIBUIÇÃO DOS TÉCNICOS EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ NAS ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	
Jacqueline Maria Duarte Lewandowski	
DOI 10.22533/at.ed.55619200812	
CAPÍTULO 13	135
PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE QUÍMICA	
Karina Sasso Fernandes Irene Cristina de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200813	
CAPÍTULO 14	149
PERFIL DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA NA REGIÃO DO ALTO URUGUAI	
Edson Luiz Tonello Junior Izabele Brandão Krueel	
DOI 10.22533/at.ed.55619200814	
CAPÍTULO 15	160
PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS?	
Janes Santos Herdy	
DOI 10.22533/at.ed.55619200815	
CAPÍTULO 16	173
REFLEXÕES ACERCA DO FENÔMENO DA TRANSGERACIONALIDADE PSÍQUICA E DA INTERDIÇÃO DE “FALAR SOBRE” COMO OBSTÁCULOS AO APRENDER PELA EXPERIÊNCIA	
Jackeline Jardim Mendonça Vera Lúcia Blum Andréia de Fátima de Souza Dembiski Daniely Cristina Santos Souza André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200816	
CAPÍTULO 17	185
REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO TRANSFERENCIAL E A PRODUÇÃO DE DADOS NO CAMPO DA PESQUISA COM O MÉTODO PSICANALÍTICO	
Renata Garutti Rossafa Vera Lúcia Blum André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200817	
CAPÍTULO 18	197
REFLEXÕES DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA MODALIDADE EDUCACIONAL EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)	
Mateus Santos Neves Heloisa de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200818	

CAPÍTULO 19	202
REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA EMPREENDEDORA A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DOS PARADIGMAS DA ESCOLA TECNICISTA	
Claudenev Licínio Oliveira Antônio José Müller Marcos Antonio Fari Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55619200819	
CAPÍTULO 20	218
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES E O SUJEITO DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA ANDRAGOGIA	
Alcylanna Nunes Teixeira Antoniél dos Santos Gomes Filho Tamyris Madeira de Brito Jardel Pereira da Silva Thaís Lucena Grangeiro Zuleide Fernandes de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.55619200820	
CAPÍTULO 21	230
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÕES CONTINUADAS EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Malcus Cassiano Kuhn	
DOI 10.22533/at.ed.55619200821	
CAPÍTULO 22	245
RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Luciana Rios da Silva Elaine Pedreira Rabinovich Ivonete Barreto de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.55619200822	
CAPÍTULO 23	254
REPENSANDO A PRÓPRIA VIDA: AS NARRATIVAS DOS IDOSOS EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA	
Laudicéia Noronha Xavier Annatália Meneses de Amorim Gomes Cleide Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.55619200823	
CAPÍTULO 24	265
REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE SÓLIDOS GEOMÉTRICOS EM VÍDEO: RESULTADOS PARCIAIS	
Lucilene Dal Medico Baerle Alan Vicente Oliveira Carlos Daniel Ofugi Rodrigues Carlos Roberto da Silva Cintia Fernandes Da Silva Flávia Caraíba de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.55619200824	

CAPÍTULO 25	276
SIMULADORES DE QUÍMICA DISPONÍVEIS NO PhET COLORADO: UM ESTUDO DE CASO PARA O CONTEÚDO DENSIDADE DE MASSA	
Lílian Amancio de Pinho Gomes	
Edilson Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55619200825	
CAPÍTULO 26	289
SÍNTESE E BIOENSAIO IN VITRO DE UM CANDIDATO À FÁRMACO	
Herbert Igor Rodrigues de Medeiros	
Bruna Barbosa Maia da Silva	
Cosme Silva Santos	
Romário Jonas de Oliveira	
Juliano Carlo Rufino de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.55619200826	
CAPÍTULO 27	297
TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: SABERES E PRÁTICAS NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO IFPA- CAMPUS RURAL DE MARABÁ	
Maria Suely Ferreira Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200827	
CAPÍTULO 28	307
TRILHA URBANA PARA DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL	
Lucélia de Almeida Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.55619200828	
CAPÍTULO 29	321
UM CAMINHO ALTERNATIVO PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES: OFICINAS DE MEDIAÇÕES DIGITAIS PELO LALUPE/UEPG	
Elenice Parise Foltran	
Dierone César Foltran Junior	
Reinaldo Afonso Mayer	
DOI 10.22533/at.ed.55619200829	
CAPÍTULO 30	331
UM OLHAR PARA A TRANSDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DE ALGUMAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL	
Rosamália Otoni Pimenta Campos	
Vania Roseli de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.55619200830	
CAPÍTULO 31	343
UMA ANÁLISE DAS REFORMAS ATUAIS NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: AMEAÇAS E RETROCESSOS	
Edna Sousa de Almeida Miranda	
Sandra Valéria Limonta Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.55619200831	

CAPÍTULO 32	355
UMA REVISÃO ACERCA DO (NÃO) EMPREGO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXPERIENCIAL AO AR LIVRE NO BRASIL	
Erich de Freitas Mariano	
Kelvy Fellipe Gomes de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.55619200832	
SOBRE OS ORGANIZADORES	368
ÍNDICE REMISSIVO	369

À EDUCAÇÃO FAMILIAR E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL

Lucas Batista Carriconde

Universidade de Uberaba

Uberaba – Minas Gerais

Nathalia Rafaela Paes e Silva

Universidade de Uberaba

Uberaba – Minas Gerais

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da educação como instrumento e/ou ferramenta de libertação cultural e social das mulheres muçulmanas, constantemente violentadas em seu direito. Pretende-se demonstrar que por meio do processo educativo e a formação do senso crítico é possível combater às injustiças sociais e a violência simbólica de forma mais efetiva. Sendo esse combate feito não somente pelas organizações internacionais, mas pelas próprias vítimas de semelhantes violências. Para tanto discutiremos aquilo que escolhemos chamar de o fenômeno Malala e a força que esse fenômeno tem como exemplo multiplicador. Temos como principais referenciais teóricos Bordieu e Malala. Realizaremos a discussão proposta por meio da apresentação e análise dos exemplos dados por Malala e os efeitos que estes tiveram na busca da igualdade entre os gêneros nas sociedades muçulmanas. Concentrar-nos-emos no conceito de violência simbólica proposto por Bordieu como forma de nortear

a reflexão sobre a importância da educação, considerada em seu caráter duplo: como forma de institucionalização da violência simbólica e também como instrumento de seu combate. Vê-se que a educação nesse contexto e em outros funcionaria como instrumento nocivo ou salutar dependendo da forma como é empregada. Por fim pretendemos demonstrar a importância da educação formal familiar como suporte para o combate efetivo da violência simbólica como é o caso de Malala.

PALAVRAS-CHAVE: Violência simbólica, educação, direitos humanos, Malala.

FAMILY EDUCATION AND ISLAMIC FEMINISM AS A MEANS OF CULTURAL AND SOCIAL LIBERATION

ABSTRACT: This paper aims to discuss the importance of education as an instrument and / or tool for the cultural and social liberation of Muslim women constantly violated in their law. It is intended to demonstrate that through the educational process and the formation of the critical sense, the fight against social injustices and symbolic and real violence can be combated more effectively not only by international organizations, but also by the victims of such violence. For this we will discuss what we choose to call the Malala phenomenon and the

force that this phenomenon has as a multiplier example. We have as main theoretical references Bordieu and Malala. We will carry out the proposed discussion through the presentation and analysis of the examples given by Malala and the effects they have had in the search for equality between the genders in Muslim societies. We will focus on the concept of symbolic violence proposed by Bordieu as a way of guiding reflection on the importance of education as a form of institutionalization of symbolic violence and its more effective combat. It is seen that education in this context and in others would act as a harmful and / or salutary instrument depending on how it is employed. Finally, we intend to demonstrate the importance of family formal education as a support for the effective combat of symbolic violence, such as Malala.

KEYWORDS: Symbolic violence, education, human rights, Malala.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito discutir a importância da educação familiar e do feminismo islâmico como instrumento de libertação pessoal, social e cultural. Pretende-se demonstrar que um contexto familiar incentivador da igualdade de gêneros e o desenvolvimento de um feminismo islâmico, têm promovido profundas mudanças nos países e culturas de origem muçulmana. Além disso, esses elementos têm sido um importante instrumento de combate à violência simbólica apresentada por Bordieu.

Apresentamos como exemplo de sucesso da correta convergência desses elementos o caso Malala, que reúne em si elementos objetivos da mudança produzida pelas ideias feministas e um contexto familiar igualitário. Dividiremos o trabalho em quatro subitens objetivando organizar melhor nossa exposição.

Discutiremos o contexto de estabelecimento e surgimento do fenômeno Malala demonstrando que essa denominação só é aplicada a Malala Yousafzai, pois está tornou-se um exemplo bem-sucedido de combate ideológico e cultural, transformando-se em um exemplo de feminismo muçulmano. É importante frisar que Malala só se configura como fenômeno por sua postura combativa a violência simbólica institucionalizada pela religião e cultura muçulmana

Apresentaremos o conceito de violência simbólica e sua importância como elemento norteador e elucidativo do fenômeno Malala. Como nos mostra Bordieu (1998), a violência simbólica é instituída por meio da educação formal e não formal tendo início principalmente dentro do núcleo formativo familiar. Demonstraremos que a violência simbólica encontra-se representada na subjugação da mulher islâmica e na negação de seu acesso à educação.

Debateremos o cerceamento à educação formal e não formal como uma forma de violência simbólica institucionalizada, produtora de sentidos e comportamentos limitantes.

Por fim apresentaremos a importância de Malala como instrumento e exemplo

garantidor dos direitos humanos universais e a inserção da mulher na sociedade como um ser digno e merecedor de uma formação educacional não somente formal, mas universal. Além disso, demonstraremos a relevância do exemplo Malala para promoção de políticas internas de incentivo a educação como forma de libertação cultural, pessoal e social.

Nosso principal objetivo é discutir a importância de Malala como símbolo de combate a opressão da mulher na sociedade islâmica assim como os meios e ferramentas existentes para que essa opressão deixe de existir.

2 | MALALA COMO SÍMBOLO DE LUTA À VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS.

A adoção de Malala como um símbolo de defesa a educação deve-se, notadamente, ao seu espaço de lutas e conquistas. Foi em meio à violência e a opressão que Malala desenvolveu seu trabalho desafiando tudo e todos em busca de educar e libertar todos aqueles que lhe pediam auxílio.

É a partir desse contexto que começamos nossa análise. O que permitiu que Malala em meio a tantas adversidades conseguisse realizar um trabalho educativo tão fabuloso? A resposta é: educação.

Primeiro em um sentido formal, diga-se nesse ponto quanto à formação de nossa ativista. Tomando a família como primeira célula de convívio do indivíduo, nota-se que seu pai, Ziauddin Yousafzai, figura de um educador e ativista paquistanês, em um cenário de dominação masculina, cedeu espaço para a formação escolar e crítica de Malala.

Diferente das outras meninas paquistanesas, Malala não foi impedida de frequentar a escola, não sofreu mutilação genital e nem mesmo foi obrigada a casar-se ainda criança, teve acesso ao ambiente escolar desde tenra idade, conforme relatado em sua biografia “Eu sou Malala; A história de uma garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã”.

E então um sentido sociocultural, aferido pelo destaque paulatino que Malala foi ganhando, inicialmente com suas contribuições ao *Diary of a Pakistani schoolgirl*, no qual relatou os acontecimentos entre janeiro e março de 2009, período cujo grupo Talibã fechou 150 escolas para meninas e explodiu outras cinco na região onde a ativista, então com onze anos, morava à época, o Vale do Swat.

Em âmbito nacional a notoriedade iniciou-se com o destaque de Malala como estudante e oradora, discursando abertamente contra o Talibã, afirmando a educação como um direito básico, além de tomar iniciativas, que se tornaram destaques na mídia e público internacional sobre as condições em que viviam as meninas.

Outro aspecto para a construção do símbolo de luta para a educação e em especial, a educação para meninas, foi a repercussão do ataque sofrido por Malala em 2012, perpetrado pelo grupo Talibã, enquanto forma de retaliação aos protestos

da ativista. Em 2014, a jovem paquistanesa recebeu o prêmio Nobel da paz, junto com o indiano Kailash Satyarthi, em reconhecimento a sua fomentação e embate para o acesso de meninas à educação formal.

A culminação desses elementos, por si só, não bastam para configurar Malala como um símbolo, todo esse destaque deu-se, justamente, pelo contexto sociocultural o qual ela esteve inserida; o islã.

Insta salientar, nesse sentido, o conceito cultura, que conforme Laraia (1986, p. 19), “trata-se de um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

A despeito de a cultura por muito ter sido entendida em um viés estritamente biológico, Laraia (1986) esclarece que tal somente ocorre, tal ocorre por determinação cultural e não em função de uma racionalidade biológica.

Ocorre que, não se pode descurar que “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação”, Laraia (1986, p.20).

A despeito de o islã reproduzir a cultura consoante um determinismo biológico, pois estabelece diferenças entre os indivíduos conforme seu sexo, é certo que Malala busca junto a capacidade de aprendizado e plasticidade própria e inerente aos seres humanos, impulsionar processos de transformação social.

Malala ao fomentar a educação como um processo de transformação social, isto é, ao defender a instrumentalização do acesso à educação como forma de ascensão social da mulher em uma sociedade dominada sobre o julgo do Talibã, traz esse instituto como uma vertente do feminismo islâmico, ou seja, um meio de quebrar com o paradigma instituído pela violência simbólica arraigado nas instituições que formam o islã.

O que se quer dizer com isto é que, embora nossa ativista esteja inserida em uma cultura calcada em divisões realizadas conforme os gêneros, esta não busca, senão, promover acesso igualitário a todos através da educação, sem que para isso necessite romper com todos os aspectos inerentes a sua cultura.

Veja, tomando-se como parâmetro sociedades de cunho ocidental, nossa protagonista não teria a mesma caracterização, visto que não se desvincula do hijab, nem mesmo de seu grupo etnolinguístico os pachtuns, bem como não preconiza o afastamento à cultura islâmica como solução aos conflitos vivenciados, isto é, Malala é um ícone por corresponder aos anseios dentro de seu contexto e indicar o acesso à educação como instrumento de modificação dessa realidade.

3 | VIOLÊNCIA SIMBÓLICA REPRESENTADA PELA SUBJUGAÇÃO DA MULHER NA CULTURA ISLÂMICA

A fim de que seja retratada a violência simbólica no islã, e como essa se manifesta na subjugação da mulher, o presente trabalho tomou em consideração o uso do Poder Simbólico descrito por Bourdieu.

Nesta senda, Bordieu (1998) traz a baila, de início, os sistemas simbólicos enquanto processos mediadores da atuação do Poder Simbólico, sendo aqueles definidos como instrumentos de conhecimento e de comunicação que exercem força representativa e violenta, pois de maneira tautológica, ao encontrarem guarida nas estruturas sociais, passam a gozar da capacidade de perpetuar nessas estruturas formas de violência. Diz-se, então, que os sistemas simbólicos são estruturantes, porque são estruturados.

Nesse diapasão, Bourdieu (1998), conclui que tem-se um poder de construção da realidade calcada nas instituições socioculturais, sendo o Poder Simbólico nada menos que o resultado desta ordem gnoseológica, a qual pode ser entendida em um sentido imediato do mundo.

Toda essa construção evidenciada pelo sistema simbólico de Boudiei (1998), esclarecem a função social do simbolismo que atua em duplo aspecto, qual seja, o de estruturalismo-funcionalismo, adquirindo, assim nítida função política.

Isso quer dizer, os símbolos enquanto instrumentos da integração social, atuam na exata medida para instituir os meios de conhecimento e comunicação, de modo a contribuir fundamentalmente na reprodução da ordem social.

Na hipótese, a ordem social fundamentalmente patriarcal da cultura islâmica, cerceia a participação feminina através de um processo de subjugação, a qual materializa-se pela perpetuação de práticas habituais, tradicionais, próprias da cultura retratada, que concedem um maior destaque a figura masculina, relegando um status inferior às mulheres Laraia (1998).

Nessa ilação, o papel da mulher encontra-se restrito a função de uma mera coadjuvante dentro da sociedade, pois lhe são restringidos o direito a educação, a opinião política, a participação a emancipação econômica, e especial, o direito ao próprio corpo, o que apenas se perpetua e mantém graças a violência simbólica.

Um relato extraído da biografia *Eu sou Malala; A história de uma garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*, traz com maestria a reprodução da violência simbólica contra a mulher ao relatar uma situação em que uma menina seria dada em casamento a fim de resolver uma disputa tribal, nas chamadas swara.

Por que a vida de uma menina tem que ser arruinada para resolver uma desavença com a qual ela nada tem a ver? Quando eu reclamava dessas questões, meu pai dizia que as coisas eram piores no Afeganistão. Um ano antes de eu nascer, o Talibã, liderado por um mulá [um título clérigo islâmico] caolho, havia dominado o país e incendiava as escolas de meninas (...) havia até mesmo proibido as

mulheres de rir alto ou de usar sapatos brancos, pois essa é a cor do Profeta, e as prendia e espancava se usassem esmaltes nas unhas. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 46)

Outro exemplo da violência simbólica contra a mulher na cultura islâmica é evidenciado por Malala quando descreve que já ao final do período infante, as meninas ao apresentarem os primeiros sinais de puberdade, eram afastadas dos meninos, passando a serem tratadas como potenciais mães e esposas, passando a assumir obrigações sociais inerentes a delegação desses papéis.

A fim de cessar com o poderio violento dos sistemas simbólicos, Malala descreve, enquanto expoente do feminismo islâmico, que este busca elementos próprios da tradição islâmica, através de dispositivos discursivos.

É isso o que confirma Malala, quando diz:

O feminismo islâmico é um movimento que se autodefine por objetivar a recuperação da ideia de ummah (comunidade muçulmana) como um espaço compartilhado entre homens e mulheres. Para isso, utiliza a metodologia de releitura das escrituras do Islã por meio das práticas de ijtihad (livre interpretação das fontes religiosas) e da formulação analítico discursiva de busca pela justiça e pela emancipação das mulheres, que seriam expostas nas releituras dos textos sagrados numa perspectiva feminista. A espinha dorsal dessa metodologia é a prática do tafsir (comentários sobre o Alcorão). Além do Alcorão, também são objetos de releituras os ahadith (dizeres e ações do profeta Muhammad) e o fiqh (jurisprudência islâmica). (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 46)

Destarte, o feminismo islâmico propõe a formação de um discurso baseado nas próprias crenças e práticas culturais a fim de promover a integração das mulheres na comunidade, interrompendo a prática institucionalizada da violência por meio de aspectos inerentes à cultura, no caso, a religião.

Tal discurso mostra-se capaz de romper com as correntes da tradição patriarcal justamente por cingir elementos da cultura nacional, pois afasta o uso da prática religiosa como forma de manutenção no patriarcado, e vale-se dessa como instrumento de emancipação feminina.

4 | VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E AS MUDANÇAS FEITAS PELO FEMINISMO ISLÂMICO

A violência simbólica discutida por Bordieu em seu A dominação Masculina encontra-se evidente em alguns países islâmicos. O motivo não é algo desconhecido do leitor ou observador mais atento. No islã, apesar de sua importância indiscutível na constituição e preservação da célula familiar, a mulher é vista como um ser de importância secundária¹, incapaz de decidir por si o que é melhor para sua própria vida. Como consequência dessa visão, a elas é negado um dos direitos fundamentais apregoados pela Declaração Universal dos Direitos humanos, sua dignidade e liberdade.

A supremacia masculina e a institucionalização cultural da violência simbólica debatida por Bordieu (2002) encontra sua confirmação na forte tradição religiosa islâmica que reforça constantemente a ideia de supremacia masculina, assim como a necessidade de subordinação e subjugação feminina. Ao contrário de outras culturas e religiões que buscaram adaptar-se aos movimentos seculares, o islamismo permaneceu acorrentado à época de seu surgimento alimentando de forma incansável e obstinada sua tradição patriarcal. A insistência em nutrir as condutas e preceitos patriarcais explica os motivos de ainda hoje ser exigido da mulher somente servidão e obediência como se só a ela restasse fazer valer a significação da palavra islã.

Com vistas a definir de forma mais clara o conceito de violência apresenta-se nas palavras do próprio autor sua definição.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BORDIEU, 20002, p. 47)

Como afirma Bordieu (2002) a violência simbólica, isto é, o substrato para perpetuação e manutenção de uma cultura de subjugação feminina e dominação masculina, só é possível devido à participação ativa do dominado na reprodução desses costumes e dessa cultura. Ao dominado não é dada escolha, pois através da educação familiar e da manutenção da cultura instituída garante-se a perpetuação da dominação. Ora como pode o dominado libertar-se de algo que não reconhece como antinatural ou inadequado, se à ele não é demonstrado o absurdo dessa diferenciação que baseia-se unicamente em conceitos arbitrários instituídos pela parte dominante.

A manutenção de todo sistema de dominação depende da reprodução pelo dominado da cultura já estabelecida. Mas de que forma essa manutenção poderia ser realizada sem resistência: a crença na supremacia masculina como algo natural.

É isso o que confirma Monshipouri quando diz:

Um aspecto importante, se não dominante, da vida no mundo muçulmano é que a política cultural, um conflituoso processo entre símbolos e normas culturais - é inseparável da política sexual - a luta das mulheres por poder e por autoridade nos níveis doméstico, comunitário, nacional e internacional. Um dos desafios ideacionais mais visíveis no que se refere aos direitos das mulheres no mundo muçulmano é a questão da identidade de gênero. Durante a maior parte do século XX, a questão da identidade islâmica dos países muçulmanos moldou o debate sobre o papel e o status das mulheres. Enquanto símbolo da identidade nacional, as mulheres muçulmanas enfrentaram o grande desafio de promover a modernidade, e de se tornar moderno sem, no entanto perder a integridade de sua cultura. Por muito tempo, elas lutaram para manter sua identidade de uma maneira moderna. Entre os símbolos dessa identidade estão, principalmente, o "modo de

A prática dessa violência simbólica encontra no islã terreno fértil já que por suas origens patriarcais, de inquestionável valorização do masculino, a inferiorização da mulher é expediente corriqueiro. Prova disso encontramos já no nascimento dessas mulheres que ao invés de ser comemorado como o é o nascimento dos homens é visto como um acontecimento permeado pela escuridão da frustração paterna e familiar.

É nesse contexto que vislumbramos a indubitável relevância das ideias do feminismo islâmico, que pretendem conservar parte da cultura religiosa, ao mesmo tempo, que adotam as ideias de igualdade defendidas pelo feminismo secular. É na harmonização dos princípios religiosos islâmicos e do feminismo secular que podemos encontrar o feminismo islâmico em toda a sua singularidade. No feminismo islâmico e na educação familiar sadia, encontramos um instrumento ímpar para o combate da dominação masculina, da subjugação feminina e a da violência simbólica.

Um dos exemplos da importância da educação familiar na formação de uma personalidade ciente de seus direitos e disposta a promover mudanças que os garantam, é a prêmio Nobel da Paz, Malala Yousafzai, que sempre encontrou em casa suporte para suas ideias de igualdade de gênero e para seu desejo de mudança.

Decidi muito cedo que comigo as coisas não seriam assim. Meu pai sempre disse: “Malala será livre como um pássaro”. Eu sonhava em subir até o topo do monte Ilam, como Alexandre, o Grande, para tocar Júpiter. Sonhava também em ir mais além do vale. Mas, ao observar meus irmãos correndo para subir no terraço, empinando suas pipas com destreza, movimentando a linha para frente e para trás a fim de ver quem seria o primeiro a cortar o fio que mantinha no ar a pipa do outro, eu me perguntava quão livre uma filha poderia ser. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 34).

Mesmo com apoio dos pais ela conseguia perceber com muita clareza que o caminho que havia traçado para si mesma, o de educar-se e lutar pela igualdade entre homens e mulheres, não seria fácil, pois teria que lutar acima de tudo contra os próprios elementos da tradição.

Segundo a autora essa diferença evidente entre meninos e meninas já aparecia na infância, pois meninos e meninas eram tratados de forma muito diferente. Essa diferença no tratamento acentuava-se principalmente no fim da infância, quando meninos e meninas, já se singularizavam. As meninas começavam a ser educadas para o casamento e para suas obrigações sociais como mãe e esposa, prática que não acontecia com meninos que continuavam sua educação na convivência com seus pares, sem direcionamento específico.

É isso o que confirma Yousafzai (2013) em seu livro, quando diz:

Perto de casa, em nossa rua, morava uma família com uma menina de minha idade, chamada Safina, e dois meninos, Babar e Basit, com idades próximas às de meus irmãos. Jogávamos críquete na rua, mas eu sabia que, à medida que

nós, meninas, crescêssemos, seríamos obrigadas a nos recolher à casa. Das mulheres, espera-se que cozinhem e que sirvam seus pais e irmãos. Enquanto os homens e os meninos podem andar livremente pela cidade, minha mãe não tinha autorização para sair de casa sem que um parente do sexo masculino a acompanhasse, mesmo que esse parente fosse um garotinho de cinco anos de idade. É a tradição.

É neste contexto, de supremacia masculina e de subjugação feminina, que o feminismo islâmico se constitui. Reunindo elementos do feminismo secular com um forte desejo de preservação e reforma da cultura islâmica, as feministas islâmicas desenvolvem seu trabalho utilizando-se de expedientes e práticas tradicionais do islamismo para o fortalecimento e reconhecimento do feminino na cultura muçulmana. Entre as principais práticas estão: ijthad (livre interpretação das fontes religiosas) e tafsir (comentários sobre o Alcorão).

Vide a explicação das práticas do feminismo islâmico por Yousafzai (2013) que em seu livro, afirma:

O feminismo islâmico é um movimento que se autodefine por objetivar a recuperação da ideia de ummah (comunidade muçulmana) como um espaço compartilhado entre homens e mulheres. Para isso, utiliza a metodologia de releitura das escrituras do Islã por meio das práticas de ijthad (livre interpretação das fontes religiosas) e da formulação analítico discursiva de busca pela justiça e pela emancipação das mulheres, que seriam expostas nas releituras dos textos sagrados numa perspectiva feminista. A espinha dorsal dessa metodologia é a prática do tafsir (comentários sobre o Alcorão). Além do Alcorão, também são objetos de releituras os ahadith (dizeres e ações do profeta Muhammad) e o fiqh (jurisprudência islâmica).

Por meio de práticas tradicionais de interpretação e discussão dos textos islâmicos as mulheres tem conseguido promover mudanças na forma de pensar e agir tanto das mulheres quanto dos homens que se mostram receptivos. Através da interpretação feminista e igualitária do Alcorão, do Ahadith e Fiqh as mulheres tem conseguido afirmar sua importância na sociedade islâmica, não somente como mãe e esposa, mas também como cidadã.

5 | O FENÔMENO MALALA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O FEMINISMO ISLÂMICO

É importante que se entenda que Malala não é a única entre as mulheres muçulmanas que luta pelos direitos das mulheres no islã. Muitas outras já lutavam por seus direitos e muitas juntamente com Malala continuam na luta³. Desde meados de 2000 vê-se um crescente movimento feminista se constituindo em grandes países, regiões e comunidades islâmicas. Prova disso encontramos nas reformas feitas em diversas regiões de orientação islâmica.

Como assevera Khalil (2004)

No Iraque pós-Saddam, a garantia de 25% de participação feminina no governo provisório do Iraque, conhecido como Assembléia Nacional de Transição, é melhor que os 14% de representação de mulheres no Congresso norte-americano. Ativistas de direitos das mulheres no Iraque também estão satisfeitos

como documento que indica que a lei islâmica (Shari'a) será apenas uma entre as várias fontes da futura legislação.

Essa luta tem sido promovida pelas próprias mulheres muçulmanas através de alianças feitas com os movimentos feministas ocidentais. Essa aliança, no entanto, esbarra na importância que a cultura muçulmana tem para as próprias mulheres. Contrariando o pensamento extremamente extrovertido e culturalmente menos cristalizado do ocidente, no qual as mulheres desejam libertar-se totalmente da submissão social, familiar, econômica e cultural, às mulheres e feministas do islã pretendem somente se fazerem ouvir, buscando acima de tudo poder de decisão sobre suas próprias vidas.

Não desejam como era esperado ou pretendido pelo feminismo ocidental a completa dissolução da hierarquia familiar islâmica, na qual, o homem prevalece intocado como chefe ou autoridade, mas apenas a efetivação do direito de escolher livremente como se quer viver e participar em sociedade.

Quando analisamos a questão de forma crítica é possível entender que não poderia ser diferente já que a força da tradição mostra-se resistente aos mais duros golpes do secularismo. As mulheres muçulmanas lutam por mais igualdade, mas não querem libertar-se daquilo que as faz ser quem são. Ao mesmo tempo que almejam mais participação política e social, cultivam um amor e um respeito imenso por sua cultura religiosa, para elas algo essencial. A luta não é pela mudança de religião ou destruição da tradição, mas simplesmente pelo reconhecimento da necessidade de alargar horizontes concedendo mais direitos às mulheres que antes não tinham quase nenhum.

Comprovação desse fato, encontramos nos dizeres das próprias mulheres, partidárias de uma nova forma de feminismo vestido com as peculiaridades religiosas do islã, o feminismo islâmico que pretende uma interpretação mais igualitária dos textos sagrados do Corão ensejando a conquista da tão almejada liberdade e expressividade feminina.

Vide citação encontrada em Lima (2014, p. 682) na qual Al-Hibri (2002, p. 1) em seu artigo *The practice and purpose of Islamic feminism* diz:

“O que significa para uma mulher muçulmana ser liberta? Para uma mulher muçulmana ser liberta, é ter todos os direitos e obrigações dadas a ela no Alcorão. O que significa isso? Bem, isso significa que há coisas no Alcorão que homens e mulheres podem fazer(...). Eles são iguais? Eu acho que é errado falar de igualdade, porque, como eu disse, o Alcorão se engaja em ações afirmativas em favor das mulheres, o que eu poderia dizer é 'justo'. E há coisas que as mulheres muçulmanas querem fazer, que o Alcorão restringe. (...) E é isso que reserva o Alcorão para as mulheres”(AL-HIBRI, 2002, p. 1 in LIMA, 2014, p. 682).

A confirmação dessa nova forma de olhar para mulher e sua importância em um contexto muçulmano encontramos em Yousafzai (2013) que afirma:

No Paquistão, quando as mulheres dizem que querem independência, as pessoas acham que isso significa que não desejam obedecer a seus pais, irmãos ou maridos. Mas não é isso. Significa que queremos tomar decisões por conta própria.

Queremos ser livres para ir à escola ou para ir trabalhar. Não há nenhum trecho no Corão que obrigue a mulher a depender do homem. Nenhuma mensagem dos céus estabeleceu que toda mulher deve ouvir um homem. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 230).

Assim como outras feministas islâmicas, Malala não pretende perverter a própria cultura, deseja apenas reformá-la para que às mulheres sejam garantidos direitos antes inexistentes. Nela encontramos um exemplo claro do desejo de mudança por intermédio da educação e da formação de um senso crítico, capaz de conciliar, de forma harmoniosa, os aspectos essenciais da tradição e a implementação de reformas garantidoras de mais direitos às mulheres.

O movimento do qual Malala faz parte configura-se como instrumento reformador ao invés de destruidor. Revolucionava-se, mas dentro de limites respeitosos e dignos. De forma ponderada exige-se o estabelecimento de novas formas de comportamento e o cultivo de práticas que ressaltam a igualdade entre os gêneros. Caminha-se à passos lentos, mas firmes rumo a renovação salutar de uma cultura que permanece válida e atual para seus participantes.

Espera-se, em suma, a modernização dos costumes com vias a assegurar direitos básicos àquelas que não os possuíam devido a institucionalização de uma forma simbólica de violência. Yousafzai (2013) que afirma:

Quando ganhava prêmios pelo meu trabalho na escola, eu ficava feliz, pois trabalhava duro para merecê-los. Mas esses outros prêmios são diferentes. Sou grata por eles, mas só lembram o quanto ainda falta fazer para atingir a meta de educação para todo menino e para toda menina. Não quer ser lembrada como a “menina que foi baleada pelo Talibã”, mas como a menina lutou pela educação. Esta é a causa para a qual estou dedicando minha vida. (YOUZAFZAI & LAMB, 2013, p. 323.)

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos avanços têm sido feitos pelo feminismo islâmico, que encontra em mulheres fortes, mas ligadas a tradição valorosas colaboradoras para o movimento de reforma. A mudança em todos os sentidos para que seja de fato profunda e duradoura sempre encontra entraves dos mais variados para estabelecer-se.

Assim também acontece com os movimentos de reforma social, ideológica e cultural, notadamente, naqueles que pretendem conservar valores e costumes, considerados, essenciais para formação da identidade de determinado fenômeno cultural ou tradição.

É nesse contexto delicado que Malala se apresenta como um exemplo de personalidade feminista que busca a integração entre a cultura e os valores muçulmanos e uma reforma na forma como as mulheres são tratados no islã. Prova disso é o reconhecimento mundial que ela obteve na luta pela educação sendo agraciada com o Prêmio Nobel da Paz em 2014.

Malala reúne em si as qualidades da feminista muçulmana real, pois não

deseja a perversão ou subversão de sua cultura com o estabelecimento de uma nova forma de comportamento social e cultural totalmente excludente. Almeja a reforma na forma de tratamento dispensado às mulheres, o Alcorão não deixa de ter importância essencial no modelo proposto por ela e por outras feministas, este só deve ser interpretado deixando de lado o patriarcalismo.

Malala em sua luta para conquista do direito às mulheres a educação sensibilizou o mundo para os problemas e dificuldades enfrentadas nas regiões e países islâmicos. Esse processo, no entanto, não tinha como objetivo incentivar a interferência aculturativa do ocidente com a dissolução dos preceitos e costumes religiosos, mas apenas um pedido de apoio para que as reformas pudessem ser feitas de modo mais acelerado.

Como se vê, Malala com sua luta e sua vida configura-se como um exemplo de combate a dominação masculina. É incontestavelmente uma guerreira e militante pacífica que anseia realizar-se por meio da conquista de mais direitos às mulheres muçulmanas. Por intermédio de seu livro autobiográfico e de suas ações transformadoras ela tornou-se um símbolo de mudança, personificando em si a esperança de novos horizontes, nos quais a mulher poderá educar-se sem receios e nem impedimentos.

Muito ainda precisa ser feito para que às mulheres em todo islã possam, assim como Malala, ter acesso à educação e ao direito de escolher livremente. Entretanto, Malala e muitas outras conseguem dar esperanças de que a mudança é possível, não através da luta armada ou da dissolução violenta de costumes e preceitos religiosos, mas por intermédio do diálogo, da educação e da conscientização sobre a igualdade de gêneros.

Conclui-se que por intermédio do feminismo islâmico, de uma educação familiar e formal pautada na igualdade e liberdade é possível lutar contra o fortalecimento e o cultivo da violência simbólica e, conseqüentemente, a dominação masculina.

7 | CITAÇÕES

[1] LARAIA, 1986, p. 19.

[2] LARAIA, 1986, p. 20

[3] YOUSAFZAI & LAMB 2013, p. 21

[3] YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 77

[4] YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 76

[5] BOURDIEU, 1998, p. 50-51

REFERÊNCIAS

AFKHAMI, Mahnaz. (1995), Introduction. in M. Afkhami (ed.), **Faith and Freedom: Womens Human Rights in the Muslim World**. Syracuse, NY, Syracuse University Press, pp. 1-15.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 (2ª edição, 2007).

CAMPANHA DO SECRETÁRIO - GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS CONTRA O FIM DA VIOLÊNCIA ÀS MULHERES. **Violence against women** (p. 127 - 139). In: The World's Women 2010: Trends and Statistics. Nova York (EUA): Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas, 2010.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KHALIL, Ashraf. (2004), **Iraqs Women See Victory in Constitution**. Middle East Online, 4 de março. Disponível em: <http://www.middle-east-online.com/english/?id+9089>. Acesso em 10/05/2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 2001.

LIMA, Cila. **Um Recente Movimento Político-Religioso: Feminismo Islâmico**. **Estudos Feministas**, Florianópolis, maio-agosto 2014, p. 675-686. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104026X2014000200019&lng=pt&nrm=iso&ting=pt>. Acesso em: 27 mar. 2015.

MONSHIPOURI, Mahmood. **O Mundo Muçulmano em uma Era Gobal: A Proteção dos Direitos das Mulheres**. In: CONTEXTO INTERNACIONAL Rio de Janeiro, vol.26, no 1, janeiro/junho 2004, pp.187 – 217.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala : A história de uma garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. de Deus.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agentes Comunitários de Saúde 98, 101, 106, 107

Agrotóxicos 2, 3

Aprender pela Experiência 174

Atenção Primária à Saúde 35, 36, 39, 40, 43, 44

B

Business Intelligence 109, 110, 114, 115

C

Cidadania Planetária 99, 107, 108

Contextos socioculturais 185

D

Desempenho Acadêmico 109

E

Educação 2, 5, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 23, 26, 33, 34, 35, 41, 53, 56, 61, 66, 70, 74, 76, 77, 78, 80, 87, 98, 99, 107, 108, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 146, 147, 148, 159, 164, 169, 170, 171, 175, 176, 183, 197, 198, 201, 202, 207, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 221, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 234, 236, 242, 243, 245, 253, 254, 263, 265, 268, 274, 275, 276, 286, 295, 297, 298, 301, 302, 305, 306, 307, 313, 323, 324, 325, 327, 329, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 344, 345, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 360, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 368

Educação de Jovens e Adultos 3, 74, 197, 198, 201, 216

Educação em Saúde 35

Educação Feminina 23, 34

Educação Matemática Inclusiva 78

Empreendedorismo 202

Enfermagem 35, 43, 44, 254

Escola técnica 202

Estado do Conhecimento 66

Estágio Supervisionado 197, 198, 201

F

Formação de Professores 66, 76, 229, 274, 287, 288, 321, 351

G

Gestão da Informação 109, 111, 112

I

Identidade Docente 66

L

Livros paradidáticos 135, 148

M

Metodologias ativas de aprendizagem 7, 45

Método Psicanalítico de Pesquisa 185

O

Observatório da Educação 78, 80

P

Pensamento Complexo 99, 101

Planejamento 35, 133, 171, 295, 320, 326, 368

Política Educacional 125, 229

Práticas agroecológicas 2

Práticas Docentes 218

Processos clínicos 185

Professor universitário 160

Promoção à Saúde 35

R

Relações familiares 245

S

Sistemas de Informação 109, 113

Subjetividade 224, 229, 245

Sujeitos 245

T

Técnicos em Assuntos Educacionais 125, 126, 127, 129, 130, 134

Tecnologia da Informação 109, 113

Transferência-construtiva 185

Transgeracionalidade 174, 184

Transmissão Psíquica 174

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-555-6

